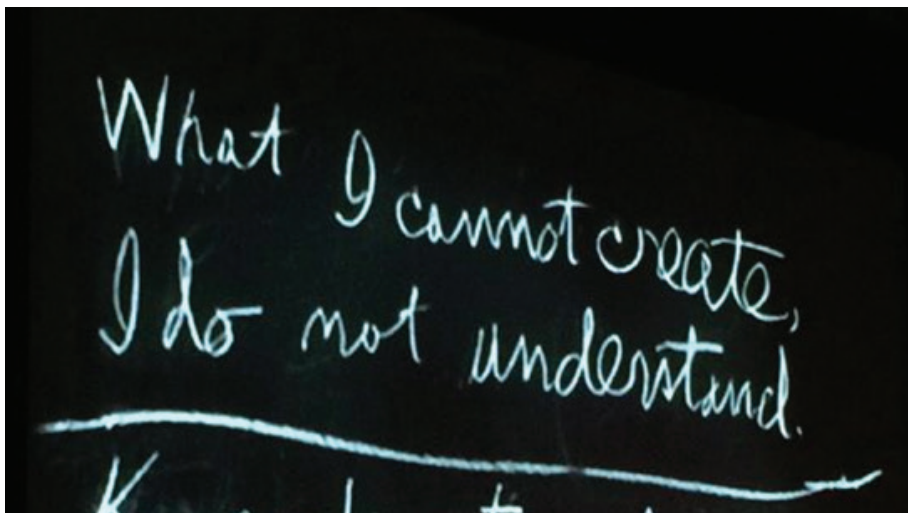


Procrastinar experiencia: o incumprimento como resistência

Philip Cabau



(fig.1)
Anotação
manuscrita na
ardósia por
Richard Feynman,
numa das suas
últimas aulas

Procrastinar é atrasar o cumprimento uma tarefa ou obrigação urgente. É, no fundo, um ato voluntário, uma decisão pessoal — que possivelmente conduzirá ao incumprimento da referida tarefa. O presente texto pretende, no contexto particular da noção de procrastinação numa escola de artes, constituir uma chamada de atenção para o modo como as representações simplistas da experiência — que tendem hoje a ocupar um lugar hegemónico na conceção que fazemos dela e cujos efeitos podem ser, para uma prática artística, mais devastadores do que poderíamos, à primeira vista, supor.

To procrastinate is to delay an urgent task or obligation. It is, at heart, a voluntary act, a personal decision — which will possibly lead to the failure of that very task. This paper explores the notion of procrastination, mainly within the context of an art school, as call for attention to the effects that this simplistic representation of experience — that now tend to be the mainstream view — may have for the artistic practice and that can be more harmful than we could, at first glance, envisage.

1. Procrastinar

As questões da maior importância devem ser tratadas com ligeireza; as de pouca importância, com gravidade.

Yamamoto Tsunetomo (Hagakure Séc. XVIII)

Procrastinar é atrasar uma tarefa ou obrigação, geralmente de carácter urgente, deixá-la para mais tarde. É, no fundo, um ato voluntário, uma decisão pessoal, que poderá, eventualmente, conduzir ao incumprimento definitivo da referida tarefa — razão pela qual a procrastinação é tão recriminada (e combatida) pelos educadores, instituições laborais e outras estruturas cuja existência depende da planificação previsível das atividades a que se dedicam. Vizinha de verbos como adiar, atrasar, delongar, empatar, postergar, protelar, protrair, ou perpetrar um ato de dilação, todos nós conhecemos várias das várias personagens emblemáticas associadas à procrastinação: a do mentiroso inveterado que prometendo assumir o compromisso nunca chega realmente a começar o trabalho, o preguiçoso ou indolente, estruturalmente desorganizado, que jamais acaba o que começou; o investido intermitente, que interrompe sistematicamente a execução de uma tarefa, o inseguro estrutural que é incapaz de assumir a responsabilidade da tarefa, etc., etc. Em suma: interlocutores pouco fiáveis.

Na procrastinação, apenas a versão infantil é tolerada, acompanhada de uma reprimenda em meio sorriso. Afinal, os crescidos sabem que as alternativas encontradas pela criança são sempre, para ela, as preferíveis. Sendo a criança uma pessoa ainda em construção, a procrastinação é tolerada. Afinal, com exceção da obrigatoriedade da distinção entre verdade e mentira, tudo é permitido, pois a criança não é ainda um jogador importante. Mas na idade adulta, as coisas da infância, já o diz a Bíblia, devem ficar para trás:

Quando eu era criança, falava como uma criança, raciocinava e pensava como uma criança. Mas quando me tornei homem, deixei para trás essas coisas de criança.

(Coríntios 13:11)

Num contexto ideal, uma pessoa verdadeiramente livre desconheceria a procrastinação, pois viveria uma experiência temporal presente e integralmente imersiva. A sua relação com o mundo configuraria uma experiência natural, sem atrito, não tendo que distinguir entre as várias categorias psicanalíticas da identidade, muito particularmente o superego. Esse espaço experiencial seria, com efeito, incapaz de albergar, ou sequer reconhecer, as pulsões potencialmente perversas.

sas da procrastinação. As suas atividades constituiriam um espaço sem atrito e, conseqüentemente, sem a ameaça do incumprimento. Mas a verdade é que a nossa experiência da realidade é composta de relações com exteriores, múltiplos, e são eles a bitola que sustentam a própria noção de experiência. Nesse sentido, os nossos critérios (e as estratégias que os inscrevem na nossa vida) são fixados sempre a partir de negociações, muitas vezes complexas e algumas vezes irresolvidas. Por outras palavras, a procrastinação é um dispositivo que serve para configurar os termos dessa mesma negociação. Ela resulta da nossa própria construção, dos critérios que formulamos, das articulações que produzimos, do modo como lidamos com os compromissos que aceitamos. Procrastinar envolve sempre imaginação.

No que diz respeito aos argumentos sobre a natureza da procrastinação, podemos considerar que estes se organizam em duas grandes linhas interpretativas. A primeira define a procrastinação como um problema, um comportamento disfuncional e indisciplinado, que deverá ser, conseqüentemente, censurado, corrigido... e, preferivelmente, eliminado. Já a segunda, defende que procrastinar não é realmente tão mau como parece e que a procrastinação, devidamente enquadrada, cumpre uma função que é tão lógica, quanto útil e natural, pois é ela que permite organizar as prioridades e rentabilizar o tempo disponível. A perspectiva sobre o assunto que aqui pretendo explorar não coincide, todavia, com nenhuma destas abordagens. Para entendimento da procrastinação é necessário, segundo creio, introduzir uma outra dimensão na análise das dinâmicas implicadas neste processo. A procrastinação pode ser entendida não tanto como uma prática reativa — perante os ditames, as determinações e as agendas de um exterior (cuja legitimidade o procrastinador tem dificuldade em reconhecer), mas como um espaço quase autónomo, onde as agendas alheias ocupam um lugar meramente tangencial e secundário.

As práticas do procrastinador constituem aqui um quadro de agenciamentos, capaz de problematizar as pulsões e os desempenhos no interior de um quadro mais complexo de condições, sobretudo de cariz pessoal. Os seus traços têm semelhanças com os procedimentos de administração do tempo (e suas prioridades) nas práticas criativas, nomeadamente nos processos artísticos (o contexto de base que enquadra o presente texto). Em suma, a presente abordagem pretende constituir uma chamada de atenção, e abordar aquilo que considero tratar-se de um modo de resistência contra as representações simplistas da experiência — que tendem hoje a ocupar um lugar hegemónico na conceção que fazemos dela e cujos efeitos podem ser, para uma formação artística, mais devastadores do que

poderíamos, à primeira vista, supor. Estas vão-se insinuando e inscrevendo no nosso quotidiano através de ferramentas que tomam conta, de forma cada vez mais generalizada, do modo como representamos e concebemos o uso do nosso próprio tempo.¹

2. As razões subterrâneas

Nothing is so fatiguing as the eternal hanging on of an uncompleted task.

William James

O combate à procrastinação que, nas estantes de autoajuda das livrarias de todo mundo conquistou já o seu espaço privado, vem sendo, recentemente, sendo alvo de uma literatura crítica e de resistência, concebida como um esforço de reposicionamento deste “fenómeno” global. As publicações da editora britânica *School of Life* (coordenadas por Alain de Botton), o livro de Frank Partnoy, *Wait*², ou o ensaio compreensivo de Paul Graham, *Good and Bad Procrastination*, constituem análises lúcidas para revisão da formulação da procrastinação como mera prática a erradicar nas sociedades contemporâneas saudáveis. Como refere Paul Graham, “As pessoas mais impressionantes que conheço são todas terríveis procrastinadoras. Será então que a procrastinação nem sempre é má?”³ Curar o procrastinador é, como frisa o autor, um empreendimento impossível, pois “Há um número infinito de coisas que poderíamos estar a fazer. Seja o que for aquilo em que estejamos a trabalhar, a verdade é que não estamos a trabalhar em tudo o resto. Portanto a questão não é tanto como evitar a procrastinação, mas como procrastinar bem.”

Em traços largos, estas novas abordagens da procrastinação, mais complexas, incidem na distinção entre má e boa procrastinação — ou, mais exatamente, entre procrastinação passiva e procrastinação ativa. O parâmetro aferidor é aqui, em última, a relação entre o dispêndio de energia investido no processo de procrastinação e os resultados no fim desse percurso. Neste sentido, a procrastinação passiva está incontornavelmente associada à preguiça, enquanto que a procrastinação ativa implica sentido estratégico, planificação positiva.

Estes textos de enquadramento crítico sobre a procrastinação, que produzem um deslocamento da problemática, anteriormente posicionada sobre a eficácia da produção num contexto coletivo (empresarial, escolar ou outra) para a esfera individual, teve origem num curioso texto do filósofo norte-americano, John Perry, de 1995, denominado *Structured Procrastination*, que recebeu o notório (e irónico)

Ig Nobel Prize e que mais tarde o seu autor converteu num pequeno livro, *The Art of Procrastination* ⁴. Nele, o autor apresenta a sua interpretação da procrastinação de modo a demonstrar-nos, de forma convincente, que um certo tipo de procrastinador não é um mero preguiçoso (um inútil, do ponto de vista da máquina da produção). Ao adiar uma tarefa um procrastinador produz, executa, resolve, conclui outras tarefas. Simplesmente nunca aquela que era suposto fazer. Como Perry explica:

Todos os procrastinadores desistem das coisas que têm para fazer. A procrastinação estruturada não significa fazer absolutamente nada. Os procrastinadores raras vezes fazem absolutamente nada; fazem, à margem, coisas úteis, como jardinar, ou afiar os lápis ou conceber um diagrama sobre o modo de organizar os seus dossiers, mal tenham tempo para isso. Porque é que o procrastinador faz estas coisas? Porque desempenhar estas tarefas é uma maneira de não fazer algo de mais importante. Se tudo o que o procrastinador tivesse para fazer fosse afiar os lápis, não haveria força alguma capaz de o obrigar a isso. Contudo, o procrastinador pode ser motivado a fazer, atempadamente, tarefas importantes... desde que essas tarefas sejam um pretexto para não ter que fazer algo de mais importante. ⁵

Consegue perceber-se o que John Perry quer dizer quando caracteriza um certo tipo de procrastinador, aquele que se organiza produtivamente a partir da sua própria natureza por forma a conseguir ser ativo. Isto é, aquele que, como diz o autor, consegue produzir muito (e bem) nos meandros temporais complexos que correspondem ao tempo em que se encontra a adiar os compromissos e tarefas a que o mundo o obriga. A essa figura chamou de “procrastinador estruturado”. Há, contudo, um desajuste no termo, pois a própria noção de estrutura é, apesar de aparente, imprecisa e extremamente volátil. Apesar de inteligente e oportuna, a abordagem deste autor sobre a procrastinação não a chega a retirá-la do habitual paradigma maniqueísta. Procrastinar continua a ser mau e repreensível. Simplesmente não é o mesmo que inação. Mas a abordagem não cava muito fundo. É uma aproximação justificativa, tentando demonstrar (com sucesso, admita-se) o quanto produz aquele que Perry chama de “procrastinador estruturado”. Segundo o autor, a procrastinação estruturada pode “converter os procrastinadores em seres humanos produtivos, respeitados e admirados por tudo o que são capazes de alcançar e pelo uso positivo que fazem do seu tempo”. Para além do patente pragmatismo moral, John Perry assenta a sua argumentação em pressupostos que são, ainda, de ordem funcional: o adiamento de tarefas que precisam ser concluídas. Contudo, e se a procrastinação, na sua versão mais complexa, não trata tratar de tarefas e seu cumprimento, mas de outra coisa?

3. O problema, da história à atualidade

*Sou capaz de imaginar formas de servidão piores que as nossas, por serem mais insidiosas; seja que consigam transformar os homens em máquinas estúpidas e satisfeitas, que se julgam livres quando estão subjugados, seja que desenvolvam neles, com exclusão dos repousos e prazeres humanos, um gosto pelo trabalho tão arrebatado como a paixão pela guerra entre as raças bárbaras. Prefiro ainda a nossa escravidão a esta servidão do espírito ou da imaginação.*⁶

Marguerite Yourcenar, comentário do imperador romano Adriano em *As Memórias de Adriano*.

O termo *procrastinação* só há poucos anos entrou no uso corrente da língua portuguesa, apesar de, segundo o dicionário Houaiss, dele haver registos escritos desde 1836⁷. Antes de confrontarmos as várias leituras do termo procrastinação, importa compreender que, historicamente, este assunto só muito recentemente foi identificado como um problema em si (ou seja, como quadro sintomático a diagnosticar), independente dos efeitos concretos dele decorrentes, como adiar ou incumprir, e que essa formulação só é possível no interior de um paradigma cultural que concebe a experiência de viver, essencialmente como uma cadeia de produção e consumo de bens nomeadamente o próprio tempo, — que o capitalismo contemporâneo, com o auxílio das novas tecnologias de administração e controlo digital conseguiu elevar a um nível de elaboração sem precedente. Sob este prisma, o procrastinador é, evidentemente, alguém que tem problemas graves para resolver. Não será certamente por acaso que o termo procrastinar apareceu (na língua inglesa) nos finais do século XVIII, consolidando-se o seu uso na linguagem, nos primórdios da era industrial. Entre nós, em Portugal, a introdução do conceito foi bem mais tardia, pois os parâmetros da produção burguesa não tinham cabimento no quotidiano ocioso da nossa aristocracia ignorante nem, na verdade, no resto do país, profundamente rural e analfabeto, onde a procrastinação só poderia ser entendida como uma noção absurda, face ao paupérrimo quotidiano, em regime de sobrevivência, que definia a nossa sociedade.

A inscrição do termo chegou já com os efeitos da globalização sobre a linguagem. Para tal basta perguntarmo-nos se, independentemente da frequência que agora fazemos do termo, o significado atual de procrastinar é idêntico àquele que esta prática tinha há apenas 30 anos? Na verdade, a procrastinação, enquanto problema, traduzindo uma postura explicitamente repreensível e a suprimir, é extremamente recente. As pessoas que hoje se assumem como procrastinadoras aumentou

seis vezes desde 1978⁸ e, nas culturas ocidentais, os números indicam que os estudantes passam um terço do seu tempo a procrastinar. Aparentemente um em cada cinco adultos admite agora ser um procrastinador crônico (isto é, alguém que assume esse procedimento por defeito) e muitos recorrem a terapias corretivas para resolução do problema. Não é, todavia, por indiferença ou invisibilidade que isto acontece, pois, o paradigma que hoje atravessamos — e no qual trabalhamos — é obsessivamente controlado e as soluções ortopédicas espreitam a cada esquina. A obsessão pelos índices de produtividade e de eficácia são hoje apoiados em por ferramentas de medição cada vez mais elaboradas que admitem desvios cada vez menores, caracterizadas por sistemas de avaliação cada vez mais elaborados e sujeitos a ciclos cada vez mais curtos. Este é o mundo do super-contabilista, não tanto a figura cómica que aparece em muitos dos sketches dos Monty Python, o guarda-livros da City londrina, mas um gênero novo que apesar de não diferir daquele na empobrecida representação que faz do mundo e da vida, está agora munido das últimas tecnologias da programação informática — legitimado e empossado, não esqueçamos, pela implementação de um regime de controle edificado sobre a produção do capital e o medo — aqui, paradoxalmente, o medo do próprio descontrole.⁹ Se, anteriormente, os efeitos da procrastinação sobre os contratos coletivos já traziam mau nome a esta prática — sobretudo por comprometerem os parâmetros definidos como normativas da produção — agora, uma vez associados a quadros de comportamento patológico¹ e apoiados sobre discursos de suposta cientificidade, o procrastinador passa a ser visto como um transgressor, devendo, portanto ser corrigido o seu comportamento... sem mais demoras. O que resulta disto é um mundo progressivamente uniformizado, onde os modos de pensar e as durações da experiência se aproximam umas das outras, empobrecendo a diversidade e a imaginação e onde o único preceito é a urgência e a sujeição aos procedimentos do controle.

Uma vez dissolvidas as fronteiras espaciais que caracterizavam, até há pouco, o tipo de organização das sociedades que Michel Foucault tão bem caracterizou e que apelidou de Sociedades Disciplinares, onde a vida era organizada pela habitação e travessia dos recintos que definiam a progressão de uma vida: infantário, escola, empresa, lar — mas também escritório ou fábrica, ginásio, igreja, resort de férias, hospital, etc., etc. —, a administração do tempo passou a ser a instância central de controlo dessas mesmas vidas. Contudo, o funcionamento do novo paradigma em que vivemos, neste mundo conectado em tempo real e regulado agora por dispositivos digitais (que, em 1985, Gilles Deleuze chamou de *Sociedades de Controlo*¹¹, por oposição à caracterização de Foucault), só podem conceber a procrastinação como um desvio. Os algoritmos que determinam a relação entre a

especificidade de uma tarefa, o perfil do executante e as condições que definem essa relação, são atualizados todos os dias, por forma a reduzir perdas e eliminar excedentes. O paradigma que está na base do sistema da produção industrial é expandido à totalidade dos nossos afazeres, preenchendo os recônditos mais obscuros e privados da nossa atenção. O seu objetivo é otimizar o nosso desempenho. Rotinas de verificação periódica são introduzidas dos sistemas de avaliação e os procedimentos de autorregulação são passados aos próprios avaliados, num animado sistema participativo. Avaliador e avaliado colaboram animadamente para construir um mundo *melhor e mais eficaz*.

A duração das coisas que fazemos já quase nunca pode ser determinada pela natureza da própria tarefa ou pelo tipo de relação que temos com elas, mas por tabelas preestabelecidas cuja origem, geralmente, desconhecemos. Este desajuste obriga, se insistirmos em estabelecer uma relação entre a tarefa e a sua duração adequada, a uma permanente renegociação dos nossos ritmos e da nossa atenção.

Uma outra maneira de olhar para o assunto da procrastinação seria simplesmente admitir que o procrastinador se pretende munir de ferramentas para a gestão da atenção estando, por isso mesmo, obrigado a protelar certas tarefas e compromissos, por forma a permitir, outras de permeio, mais oportunas... para as condições que configuram aquele momento preciso no tempo. Mas aceitar integralmente esta conceção da liberdade resultaria, como é evidente, na instantânea disrupção do sistema.

Mas será que sempre que adiamos algo que não queremos fazer (pelo menos naquele momento) estamos a desafiar a autoridade? Será realmente possível falar de procrastinação fora da relação de forças do poder e da autoridade? Porque é evidente que o procrastinador tem um problema com a autoridade. E, todavia, todos sabemos que, por vezes, procrastinar é positivo. E não é apenas porque sabe bem contornar uma determinada tarefa, protelando-a, mas porque é efetivamente bom: para nós, para os nossos ritmos e, sobretudo, para a qualidade do nosso trabalho. Se admitirmos a verdade desta premissa, a procrastinação pode ser entendida, com efeito, como uma ferramenta ao serviço da ambição legítima que é alcançar um nível mais elaborado de experiência. A procrastinação não é ativa porque permite fazer outras coisas enquanto se adia a tarefa principal ou prioritária (resultante do contrato com o mundo), mas porque ela constitui um utensílio para aceder ao pensamento sobre a própria experiência. Contra o absurdo nivelamento das tarefas a que o mundo nos obriga, o procrastinador

propõe o seu próprio organização, a sua própria grelha de experiência – o seu nivelamento é um dispositivo de resistência.

4. A importância da procrastinação no espaço artístico

Os artistas só começam a trabalhar quando o suplício do trabalho é ultrapassado pela aflição de não trabalhar.

Stephen DeStaebler

As formulações mais rudimentares sobre a procrastinação manifestam-se geralmente nas estruturas disciplinares de base, como acontece com as recomendações de combate ao insucesso escolar, geralmente ao nível do ensino básico e liceal. Se as crianças adiam é porque querem brincar em vez de estudar, e os adolescentes têm muitos e mais interessantes assuntos que, do seu ponto de vista, em tudo justifica o empatar dos compromissos e das tarefas curriculares. O que faz, evidentemente, sentido. As culturas proficientes nas questões do ensino e da educação chamam-lhe métodos pedagógicos. Não se trata de um desajuste, a não ser na definição das prioridades, entre aquelas da estrutura institucional e as do indivíduo. No entanto, tratar esta questão a um nível mais avançado dos estudos, o ensino superior, implica já um cuidado acrescido e obriga a uma maior elaboração na abordagem do tema. E se falamos de uma formação na área das artes, o problema cresce em complexidade, pois aí a questão é: como implementar no aluno de uma escola artística a aquisição de ferramentas disciplinares — na organização das suas prioridades e critérios, na hierarquização dos compromissos institucionais e curriculares, etc. — sem eliminar esse espaço essencial ao trabalho-de-si? O problema é que esse espaço constitui, para o jovem artista (em devir), a única zona na qual um certo tipo de maturação (análogo aos processos de decantação, ou fermentação) pode ocorrer. Este espaço, segundo os parâmetros deste ‘planeta excel’ que hoje habitamos, não tem qualquer existência ou legitimidade, pois procrastinar não pode, como é evidente, integrar os parâmetros da referida tabela, uma vez que ele equivale ao erro, é sinónimo de fraqueza, possui uma conotação inequivocamente negativa, sem espaço para as subtilezas ou distinções capazes de distinguir as suspensões da atenção, convocadas para permitir uma experiência mais fina das durações... da preguiça, desorganização, indiferença, dispersão...

Já no quadro da prática artística, a procrastinação nunca é completamente uma agenda gerada a partir de um programa coletivo, oriundo de uma formulação exterior.

É neste sentido que se pode dizer que o assunto é aqui sobretudo do procrastinador consigo próprio. Ele não empata, com pequenas tarefas descomprometidas, uma obrigação que lhe é desagradável. Na verdade, ele vive uma realidade paradoxal, pois o artista que procrastina, adia o início da prática que mais lhe agrada. Porque o fará? Dada a frequência desta ocorrência e a importância que esta questão ocupa no trabalho de um criador, o assunto só pode significar ou ser sintoma de uma problemática séria merecendo, portanto, a nossa atenção.

Nas áreas criativas autorais e artísticas, nas quais a dimensão contratual e, conseqüentemente, o dispositivo orientador do trabalho não foi integralmente pré-definido — não sendo sequer passível ali uma planificação integral do processo de produção e, conseqüentemente, a avaliação e distribuição das tarefas e suas metas, temporais e outras — as condições são absolutamente outras. Para um artista, a procrastinação não é sinónimo de incumprimento ou de preguiça (atributos estes que, a existir, ocupam um lugar secundário na caracterização do problema. O assunto está na gestão desse espaço complexo e privado, imprescindível ao trabalho criativo (desenvolver).

A abertura e a manutenção de um espaço criativo é sempre uma instância de negociação. É preciso salvaguardar as condições adequadas para que algo aconteça — pois, pela natureza mesma do processo criativo nunca podem estar lá integralmente à partida. E nunca lá permanecem indefinidamente. Daí o trabalho criativo obrigar à sensação de um retorno ao início, a cada nova operação. As negociações ocorrem em diversas frentes e complexidades. A procrastinação está geralmente associada a um nível mais pragmático da negociação com o mundo prático dos factos, compromissos e sua organização. A este nível, com efeito, uma pessoa livre não precisaria procrastinar. Em termos abstractos pode dizer-se que socialmente a procrastinação tende a identificar-se melhor na zona central do espectro social: não há espaço para ela quando as opções são nulas e as tarefas cumprem funções elementares de sobrevivência ou quando o conceito de tarefa nem se chega a colocar (neste sentido a procrastinação remete para uma dimensão negocial dos valores e representações da classe média.

A pergunta que importa fazer é: pode-se aprofundar este espaço e desenvolver as relações e funções de preparação, suspensão e potenciação que ele tem com o trabalho autoral se, ao mesmo tempo o combatermos como um entrave à produção/execução das tais tarefas que o mundo nos solicita? Serão compatíveis estas duas abordagens da procrastinação? Isto é, podem elas conviver? A natureza geometrizada da primeira não comprometer a sobrevivência da segunda, cujos

fluxos não pertencem à vontade do próprio (procrastinador)? Ou só lhe pertence na medida em que lhe compete ou é da sua responsabilidade proteger, uma vez que nela ocorrem coisas, atravessar fluxos que não dependem dele. Não creio. Trata-se de uma fronteira pouco plausível (talvez para algumas exceções) – os artistas que são injectados em lógicas de produção cuja natureza é radicalmente distinta, como os doutoramentos na área, ou em estruturas produtivas que devem obedecer a requisitos e compromissos empresariais, como ateliers de arquitetura ou design são disso o exemplo acabado. Os danos dessa negociação forçada são geralmente fatais para o ritmo e o tempo da produção artística.

Procrastinar não é, neste sentido, uma prática a combater, mas um lugar potencialmente fértil e que importa conhecer bem. Em última instância, é um nome partilhado por todos, mas que não corresponde nunca ao mesmo objeto. Ele não possui senão a forma que cada um lhe atribui, a partir da sua natureza e da sua história de vida. A procrastinação desempenha um papel fundamental no conhecimento de si e a sua função no trabalho criativo é crucial. Recusar esta dimensão mais complexa do termo apenas porque é mais difícil e menos consensual é, como se diz, deitar fora o bebé com a água do banho. Não se trata tanto de evitar a procrastinação, ou de a eliminar, mas de a conhecer, uma vez que procrastinar também é experimentar. Empatar experiência.

5. Perfil do procrastinador genuíno

O que eu não consigo criar, não consigo entender.

Richard Feynman (anotação manuscrita no quadro de ardósia, numa das suas últimas aulas)

Tentei atrás definir, em traços gerais, as características da procrastinação. Quanto a identificar o procrastinador, propriamente dito, o seu retrato robô é melhor capturado pelas suas peculiaridades (falamos, evidentemente, dos procrastinadores estruturados, para usar a distinção de John Perry). Estas podem ajudar a entender o que está efetivamente em causa por detrás das instâncias negociais do procrastinador, do seu movimento, condição e estratégias. Este tipo de procrastinador (o genuíno) possui, no que respeita à sua natureza e à fundação dos procedimentos que o caracterizam, alguns traços persistentes, tão sérios quanto caricaturais. Estes são, pelo menos, quatro:

- a) O procrastinador é um solitário. O procrastinador veterano desenvolveu um sistema de dispositivos, uma rede topológica de procedimentos finos, que

dissimulam com considerável eficácia, a presença da procrastinação. Ela, todavia, está lá, inteira, intocada. Só ele o sabe exatamente em que moldes ela prevalece. Apenas deixou de ser visível, para si e para os outros, porque ocupa agora todo o campo perceptivo, eliminando espaços os concorrenciais e integrando, numa voragem autofágica, todas as alternativas de experiência do tempo. Dir-se-ia que sem um olhar exterior, sem a ameaça de uma censura, sem a sombra projetada pelo outro, o poder em representação, a procrastinação é insustentável, ela não faz qualquer sentido. Mas na verdade, esse exterior existirá sempre, sustentado pela própria condição do que significa experimentar. O exterior esteve sempre dentro de nós. É neste sentido que a procrastinação constitui uma via de acesso a um exterior que não compromete a experiência desejada, ou seja, a verdadeira experiência — na qual, para o procrastinador, deve prevalecer a curiosidade, a atenção, a imaginação. A sua articulação com o mundo, por bem-sucedida que seja, não dissimula completamente a sua irremediável solidão. Até porque o maior desejo do procrastinador, apesar de nunca o confessar, por não conseguir acreditar nele incondicionalmente, é encontrar uma atividade que o absorva e o envolva num fluxo cuja fluidez o faça esquecer o barulho e o atrito associado às escolhas e à presença das instâncias do controle — que lhe minam o acesso (ele assim pensa) a um ritmo sem sobressaltos, contaminado por confrontos e constantes opções. E as listas (sobretudo as listas, mas esse assunto requeria outro texto). O ritmo artesanal, silenciosamente dissolvido nos ritmos e nos materiais, é o seu horizonte inalcançável.

b) O procrastinador é desconfiado. Ou seja, assume por defeito uma bem estruturada postura crítica, frequentemente cética, face às categorias que lhe são ditadas pelo exterior, e que ele considera tendencialmente ilegítimas. E se, mesmo assim, o progressivo domínio dos dispositivos usados e desenvolvidos na procrastinação penetram o seu autor de tal modo que nada consegue ocorrer experimentar nada fora dessa experiência? E se essas estratégias, cuja eficácia o procrastinador tão bem conhece, passam a controlar tudo, ficando ele mesmo prisioneiro do processo que, com esforço e atenção, afinou ao longo do tempo? E se o prêmio de uma excelente procrastinação é a clausura? Compreende-se porque integra a desconfiança a alma do procrastinador. Mas não é apenas dos outros que ele desconfia, mas sobretudo dele mesmo.

c) O procrastinador possui sempre uma pulsão masoquista, pois sabe que não pode, no fim, senão aspirar a um espaço que é, em última instância, o resultado de uma negociação com esse exterior, muitas vezes imbecil e sempre

tirânico. Uma mistura que, no fundo, não pode senão desdenhar. Procrastinar pressupõe sempre uma relação contratual que configura uma relação entre a satisfação de adiar e a dor inerente a esse adiamento. A verdade é que, para gáudio dos seus verdugos, o procrastinador vive sempre num pequeno inferno privado. A sua vida está condenada a decorrer inscrita num paradoxo: para funcionar ele é obrigado a simular uma confiança num procedimento que sabe perfeitamente ser uma construção efémera, uma ficção privada que existe meramente para resolver o problema da sua relação com o mundo. Contudo, ele sabe da sua proficiência enquanto ardiloso construtor de andaimes, obtendo assim, por vezes, engenhosas e inusitadas soluções... E os seus delatores nunca conseguem perceber se por detrás deles existe realmente o objeto original que sustenta a edificação desses mesmos andaimes. A interrogação é, contudo, desajustada, pois talvez seja essa a sua característica mais distintiva. O procrastinador genuíno incorpora uma dimensão trágica: é que ele não conhece realmente outro lugar senão o do andaime. Neste sentido, a grande ficção do procrastinador, o seu horizonte, é a possibilidade da metamorfose integral. E de aprender a maneira de lá chegar — vivendo, tão intensamente quanto lhe é possível, cada momento dessa metamorfose. Se o procrastinador foge, não é da tarefa e das suas responsabilidades que ele foge: a fuga resulta da sua condição mesma de estrangeiro. Procrastinar consiste sempre em produzir uma dobra na experiência que vem. É a abertura de um novo espaço, um espaço *em vez de*, uma paisagem entre dois espelhos paralelos, um dispositivo de percepção cuja eficácia deve ser tal que, a certa altura, um dos espelhos substituirá o próprio objeto... nunca se conseguindo realmente concluir qual do permaneceu. Talvez o procrastinador esteja munido de uma intuição muito particular que lhe permita aceder àquilo que a física contemporânea define como a experiência do tempo: uma rede de ligações entre acontecimentos distintos. Como terá, supostamente dito Einstein: *A razão pela qual o tempo existe é para que não aconteça tudo ao mesmo tempo.*

d) O procrastinador é determinado, frequentemente inamovível da sua irremediável atitude. Contudo, por detrás desta determinação está uma desmedida curiosidade — que lhe proporciona uma excêntrica combinação de teimosia e insegurança. Mas poderá, precisamente por habitar essa contradição, o procrastinador incorrer na inação, subvertendo o próprio dispositivo, tão cautelosamente construído, curto circuitando-o? Esse é, evidentemente, um risco, mas um risco desprezável, pois a problemática insegurança do procrastinador é dobrada por uma singular e estoica determinação.

Qual é então o futuro reservado ao procrastinador? A permanente renovação do dispositivo? Certamente ela não o curará da enfermidade da procrastinação, como alegam os seus delatores – e o vasto comércio que a defende, fingindo combatê-la. A permanente renovação e reinvenção do dispositivo da procrastinação é, para ele, o único caminho. A procrastinação é uma condição crónica e no fundo, o procrastinador sabe bem que os seus elaborados dispositivos configuram uma singular e retorcida ficção. Mas, nisso, ele sabe também que aquela é a SUA ficção. Ou, pelo menos, assim ficciona o procrastinador. Neste sentido, talvez a resposta mais honesta (e a mais precisa) à pergunta: mas para que serve a procrastinação? seja muito próxima daquela que Freud deu um dia para sintetizar o objetivo da psicanalise: “Transformar a miséria neurótica em comum infelicidade.”¹²

NOTAS

¹ Há dois textos particularmente relevantes, editados recentemente, que incidem sobre a questão do tempo e sua relação com a produção e a cidadania, e sobre o modo como este é concebido e administrado, a uma escala global. O primeiro é da autoria de Jonathan Crary, um importante ensaísta e crítico de arte, autor de uma vasta obra sobre a percepção, e trata de como a organização das nossas vidas pressupõe hoje uma representação ininterrupta e vigiada do tempo (Crary, J. (2013). *24/7*. Verso Books). O segundo texto, da autoria de David Graeber, um dos mais relevantes antropólogos da sua geração, é um estudo sobre o modo como a burocracia contemporânea passou a constituir uma rede absurda de regras, incontornáveis, que tende a controlar todas as atividades do nosso quotidiano (Graeber, 2015). *The Utopia of Rules*. Melville House.

² Partnoy, F. (2013). *Wait, the useful art of procrastination*. Profile Books

³ Graham, P. (2005). Good and bad procrastination. December 2005 (<http://www.paulgraham.com/procrastination.html>)

⁴ Perry, J. (2012). *The art of procrastination. A guide to effective dawdling, lollygagging and postponing*. Workman Pub.

⁵ As traduções não referenciadas são da responsabilidade do autor deste texto.

⁶ Yourcenar, M. (1974). *Memórias de Adriano*. (pp. 100-101). Ulisseia. Edição original, Gallimard, 1951.

⁷ English speakers borrowed the word in the 16th century from Latin *procrastinatus*, which itself evolved from the prefix *pro-*, meaning “forward,” and *crastinus*, meaning “of tomorrow.” (Merriam-Webster Dicc.)

⁸ Segundo dados recolhidos por Frank Partnoy, na referida obra.

⁹ A recusa do mercado bolsista em aceitar a proposta, subscrita por alguns dos mais proeminentes economistas mundiais, nomeadamente Joseph Stieglitz, de limitar para o mínimo de um segundo o intervalo na duração de uma operação financeira na bolsa é sintomática da representação que hoje é feita do tempo. Perguntamo-nos como pode então este paradigma reconhecer outras escalas temporais, como aquelas tão necessárias às ações de combate à crise climática?

¹⁰ Muitos psicólogos definem os atos de uma procrastinação recorrente como tratando-se de “procrastinação crônica” e caracterizam-na como uma doença ou uma disfunção mental associada a quadros clínicos como o Deficit de Atenção com Hiperactividade (ADHD, na sigla inglesa), a doença Bipolar, etc.

¹¹ Deleuze, G. (1990). *Pourparlers 1972-1990. Contrôle et Devenir* (p. 229). Les Editions di Minuit.

¹² “But you will see for yourself that much has been gained if we succeed in turning your hysterical misery into common unhappiness. With a mental life that has been restored to health, you will be better armed against that unhappiness.”, Sigmund Freud, *Studies on Hysteria* (1895), (c/ Josef Breuer).